

Biodiversidade do Mediterrâneo sofreu “colapso” em 30 anos

8 de Junho, 2021

O Mediterrâneo sofreu em 30 anos um “colapso” da biodiversidade, uma das mais importantes no mundo, que está gravemente ameaçada. Este alerta, segundo a Lusa, é partilhado por cientistas franceses no relatório “Mediterrâneo Vivo” que tem por base investigações aprofundadas sobre estudos publicados ao longo das últimas três décadas, reunindo a monitorização de mais de 80 mil populações animais nesta região do globo, onde “as alterações climáticas são mais rápidas e o impacto da atividade humana mais forte do que noutra lugar”.

O documento é fruto do trabalho da Tour du Valat, instituto de investigação para a conservação das zonas húmidas mediterrânicas, situado no sul de França, adianta a Lusa.

O grupo de investigadores constatou que “as populações de vertebrados da bacia do Mediterrâneo diminuíram 20% entre 1993 e 2016, quebra que atingiu 52% nos ecossistemas marinhos e 28% nos ecossistemas de água doce (zonas húmidas e rios)”.

De todas as espécies identificadas pelo estudo, os peixes são os mais afetados. O atum rabilho (*Thunnus thynnus*) viu a sua população adulta baixar 90%.

“A maioria das espécies é duramente atingida pelas alterações climáticas e pela atividade humana, cujo impacto deve aumentar ao longo das próximas décadas”, disse Thomas Galewski, coordenador do estudo, citado por agências internacionais. “Além disso, uma proporção importante das espécies é endémica da bacia do Mediterrâneo e evoluem em áreas restritas, tornando-as mais vulneráveis ainda”, precisou.

O Mediterrâneo, uma das regiões do mundo com maior número de espécies endémicas, é o único mar rodeado por três continentes. Berço de numerosas civilizações, é hoje rodeado de regiões muito urbanizadas, que concentram mais de 500 milhões de habitantes e 360 milhões de turistas por ano (27% do turismo mundial).

Lê-se na Lusa que os investigadores constataram também o impacto “encorajador” de várias ações de conservação, como a fiscalização da caça e da pesca, a proteção dos habitats das espécies mais raras, o controlo das fontes de poluição ou mesmo o reforço de efetivos para reintroduções.

Algumas espécies como o íbex dos Alpes, o abutre europeu, o pelicano dálmata e a tartaruga comum (*Caretta caretta*) foram salvas por estas medidas.

Mas os cientistas notaram que há espaço de progressão entre os esforços de conservação e a natureza, pelo que exigiram uma melhor colaboração de todos os países, deplorando a falta de dados sobre algumas espécies, porque “a

maior parte das informações registadas vem e países do Norte do Mediterrâneo”.